

# Gesto Arma: operações imaginantes na emergência de existências em redes tecnopolíticas

## *Weapon Gesture: imaginative operations in the emergence of existences in technopolitical networks*

Jane Maciel

janmaciel@gmail.com

Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Doutora e mestre em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – ECO/UFRJ. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa e Produção de Imagem – NUPPI.

### Resumo

Este artigo busca debater como existências se mostram e se intensificam por meio de imagens em redes sociais e como essa emergência amplia ou restringe a compreensão e a coexistência das mesmas. Apresentaremos os conceitos de modos e maneiras de existência em David Lapoujade e de operações imaginantes de Marie-José Mondzain, a fim de compreender a dinâmica comunicacional das imagens circuladas durante as eleições brasileiras de 2018 e suas reverberações mais recentes, diante da formatação de um cenário marcado pela polarização política. Sendo as existências ligadas aos gestos, propomos para essa discussão explorar uma rede de imagens, em particular através de fotografias, que se forma a partir do gesto da arma feito com as mãos, compreendendo-o como um aglutinador de desejos, repulsas e crenças por uma sociedade iminente, mas já presente. Apresentaremos a prancha visual “Gesto Arma” e um relato desse processo.

**Palavras-chave:** fotografia, operação imaginante, gesto, arma, tecnopolítica.

### Abstract

This article seeks to discuss how existences are shown and intensified through images in social networks and how this emergence broadens or restricts their understanding and coexistence. We will present the concepts of modes and ways of existence in David Lapoujade and of imaginative operations by Marie-José Mondzain in order to understand the communicational dynamics of the images circulated during the 2018 Brazilian elections and their more recent reverberations, in a scenario marked by political polarization. Since existences are linked to gestures, we propose for this discussion to explore a network of images, in particular through photographs, that is formed by images of the gesture of hands made into weapons, understanding it as an agglutinator of desires, repulsions and beliefs of an imminent but already present society. We will present the visual board “Gesto Arma” and an account of this process.

**Keywords:** photography, imaginative operation, gesture, weapon, technopolitics.

## 1. Existências em operações imaginantes

A partir da experiência de coleta de imagens e de suas controvérsias, especialmente na rede Facebook desde os protestos de 2013 no Brasil (Maciel, 2017), levantamos a importância de uma prática de montagem entre-imagens, partindo de fotografias, mas ampliando essa trama a outras linguagens e tecnologias, que nos permitem debater a tecnopolítica atual por uma epistemologia de um saber visual que contribua diretamente

ao campo comunicacional e suas mediações de maneira geral. Interessa-nos mais particularmente contribuir com a discussão de como fotografias e outras linguagens imagéticas agem em ambientes tão híbridos como as redes digitais e os espaços públicos contemporâneos, e propor modos de exploração desta *imago mundi* por uma lógica que dê ênfase àquilo que as imagens “fazem fazer” em suas redes sociotécnicas (Latour, 2007), alargando a compreensão representacional estabilizada em determinadas significações.

Para tanto, propomos neste trabalho a conexão entre as noções de imagem, maneiras e modos de existência, que aqui serão exploradas em diálogo com a teoria de Marie-José Mondzain (2015) e David Lapoujade (2017), que consideramos referenciais pertinentes para os estudos da comunicação no âmbito dos acontecimentos políticos brasileiros desde 2013 ao contexto eleitoral de 2018, e também de suas continuidades e descontinuidades históricas em 2019. Isto porque presenciamos cada vez mais o delineamento de modos de vida discrepantes, disputados não somente pelo prisma eleitoral, que permitia catalogá-los em seus processos de aproximação com determinados candidatos/campanhas, mas também de distanciamentos entre si e das matrizes ideológicas que guiavam seus argumentos e formas de expressão. No ataque ao outro (muitas vezes marcado pela destruição de qualquer interlocução possível), faz-se ver o “si” de quem enuncia e a projeção da alteridade que contrasta a diferença. Por sua vez, o outro projetado com frequência não se reconhece como tal e também pode se reafirmar nos extremos estereotipados das guerras narrativas. Assim, iremos debater sobre a manifestação de maneiras de existir diante de um cenário de intensa polarização política e de usos das imagens como disseminadoras de gestos, crenças e práticas.

Perguntar como certas imagens assumem um uso tecnopolítico tem sido marcado pelo esforço para escapar da obviedade temática e contextual da representação fotográfica de situações que consideramos usualmente como políticas – manifestações, protestos, eleições, etc. – para direcionar-nos ao entendimento das imagens como atores sociais, que interferem diretamente nas subjetivações e na produção de coletivos sociotécnicos, especialmente em um momento no qual as redes digitais formulam insubornáveis processos na economia das imagens, para além de categorias funcionais e de linguagem. Por esse motivo, consideramos o conceito “operações imaginantes”, de Marie-José Mondzain (2015a, 2015b, 2016), uma chave importante para lidarmos com o estudo da fotografia na contemporaneidade, entendendo sua capacidade de portar existências múltiplas.

*As operações imaginantes são inseparáveis dos gestos que produzem os signos que, por essa razão, permitem os processos de identificação e a separação sem as quais não haveria sujeito. A definição de imagem é, portanto, inseparável da definição do sujeito. [...] Sua fundação recíproca nos convida a desconfiar que a imagem não é um objeto e, portanto, que, se ela pode, sob certas referências, ser considerada como um objeto, isso não se dá jamais sem consequência para o sujeito (Mondzain, 2015a, p. 39).*

Seguindo esse pensamento, que muito se alinha às concepções warburguianas que temos explorado em nossas pesquisas, uma imagem, e mais particularmente uma fotografia, não deve ser confundida com o suporte material de suas inscrições. Desmaterializada, a fotografia digital amplifica esta ideia, trazendo-a para o campo de uma passagem contínua do registro às montagens, da performatividade dos corpos que encenam e inscrevem suas existências para fazê-las circular entre aparelhos, das memórias sociais e políticas soterradas e por vezes desenterradas por sujeitos falantes. Nesta chave da antropologia das imagens, ou seja, da concepção de que estas estão vivas na medida em que o humano (em suas associações técnicas/tecnológicas) as movimenta, cede-lhes sua energia, mas também resgata delas muito de sua motivação e sentido existencial, compreendemos sua relação direta com a antropologia da política, sobretudo quando estamos diante do atual contexto intensamente mediado por tecnologias de comunicação e de seus marcantes impactos na cena política brasileira.

Por se tratar de operações, vemos claramente a ênfase nas ações e nos gestos, e não somente em signos e representações, de modo que “tornar a imagem inanimada é privá-la de toda relação, portanto, de todo sentido” (Mondzain, 2015a, p. 44), premissa que vale inclusive para seu universo de entendimento, seus modos de pensabilidade. A vida das imagens está assim intrinsecamente aliada à vida de sujeitos que as criam e as movimentam, em diferentes graus de vinculação com a realidade. Entre registros fotográficos agenciados pelos imperativos da verdade e objetividade (como no fotojornalismo), ficções e fotomontagens assumidas, imagens *fakes* apresentadas como fidedignas, associações entre imagens e textos, há modos e maneiras de existir que se tornam mais ou menos “reais”, fazendo fazer outros atores nas redes.

Mas o que são, afinal, modos e maneiras de existência? Recorremos à obra *As existências mínimas* (2015) de David Lapoujade, na qual o autor recupera a filosofia de Étienne Souriau para explorar e expandir tais conceitos. Primeiramente, distingue modo e maneira. Enquanto o primeiro deriva de *modus*, que “pensa a existência a partir dos limites ou da medida dos seres”, sendo aquilo que limita uma potência de existir, a segunda, que deriva de *manus*, “pensa a existência a partir de um gesto, da forma tomada pelos seres quando aparecem”, o que “revela a forma de existir, a linha, a curvatura singular, e assim mostra uma ‘arte’” (Lapoujade, 2015, p. 15). Para imaginar existências pelas fotografias agora circuladas partimos do pressuposto de que por vezes estaremos diante da moderação dos modos, e em outras, das mãos que revelam maneiras e gestos. Nem sempre as maneiras de existir mostram-se como “arte”, sendo poéticas e libertárias. Ao contrário, podem estar munidas de potências

destruidoras e cruéis, como o presente tem nos mostrado em um “feed” imaginante.

Também é importante destacar que a noção de existência não diz respeito apenas aos humanos; muito pelo contrário, para Souriau e Lapoujade, entre fenômenos, coisas, ficções e virtuais, tudo teria uma existência e todas elas formariam um “pluriverso”, que se contrapõe ao “universo” ou a um “diverso sensível”. A ideia de uma filosofia que busca “[...] estudar a maneira pela qual os modos se erguem desse fundo, pela qual saem do Ser” (Lapoujade, 2015, p. 17) aproxima-se da teoria da imagem de Mondzain, que remarca a emergência das imagens no campo do visível, e da iconologia do intervalo warburguiana, com suas lacunas e sobrevivências. Por outro lado, avizinha-se da própria práxis das redes digitais e de suas passagens contínuas de uma imagem a outra, com a intensidade de seus aparecimentos controversos e seus esmaeceres, com os jogos e montagens que convocam memórias e clamam por encenações e posicionamentos. Essa dinâmica nunca é totalizante, está sempre vinculada a um espaço-tempo, a um ponto de vista, e por isso devemos procurar um ângulo de visão que permita compreendê-lo. “Não temos uma perspectiva sobre o mundo, pelo contrário, é o mundo que nos faz entrar em uma de suas perspectivas. O Ser não está fechado sobre si mesmo, encerrado em um ‘em si’ inacessível; ele está incessantemente aberto pelas perspectivas que suscita” (Lapoujade, 2017, p. 47). Podemos nos questionar como os modos e as maneiras de existência tornam-se “mais precisos e determinados” por meio das imagens técnicas, como nas criações e interações imagéticas cotidianas alguns “erguem-se em direção ao topo, através de uma intensificação de sua realidade” (Lapoujade, 2017, p. 18), a fim de delinear um olhar perspectivista para a comunicação atual.

Valendo-nos do recurso metodológico da montagem de relações entre-imagens em um plano visual, iremos debater como fotografias (e outras imagens) participam ativamente nos processos de subjetivação política, na intensificação das existências no mundo comum, que são atravessadas por crenças que delinham perspectivas. Para Mondzain (2015a, p. 191, grifo nosso), é fundamental abordar as crenças no estudo da fotografia e das imagens, já que

*O que dizemos, o que escrevemos, o que contamos, intrinsecamente faz parte daquilo que fazemos ver. Se mostramos a foto sem dizer nada, sem palavra, como um material bruto, nós a damos à visão de um outro sem construir uma **relação entre o ver e o fazer ver por meio da palavra e da partilha da crença**. A foto não é uma prova do real, mas ela sempre coloca em jogo, como toda imagem, a relação de confiança e de crença que um olhar tem em relação a um outro olhar.*

Através de perfis, páginas e grupos em redes sociais, bem como em produções jornalísticas e institucionais, pontos de vista são propagados, construídos e transformados em imagens e textos, alinhados ao desejo de projetos políticos contrastantes. Há quem fez a foto e o *locus* ocupado, mas também há quem quer ocupar esse lugar, quem compartilha dele em seus modos e maneiras de ser, quem anseia por fazer ver, por desejar aquilo que foi representado; e ainda, por outro lado, aquele que faz ver, pois repudia a expressão de uma forma de existir. Neste contexto, o estudo das partilhas de crenças é valioso para o atual campo comunicacional, pois remete à relação entre olhares, que, por sua vez, corresponde às perspectivas pelas quais podemos adentrar para ver o mundo.

Este artigo tem como objetivo apresentar uma rede de imagens que se forma a partir do gesto da arma feito com as mãos, compreendendo-o como um aglutinador de desejos e repulsas por uma sociedade iminente, mas já presente. Como foto-imagem-gesto-símbolo, não figura apenas um líder, seus seguidores e os signos escolhidos para uma disputa eleitoral, mas parece distribuído por corpos, argumentos, práticas, crenças, história e ficções. De algumas fotos abriremos nosso mapa para outras imagens que são participantes de falas políticas atuais, fortemente marcadas pela polarização e por vezes pela anulação do outro como interlocutor ou sujeito político. Imagens sobreviventes de fantasmas históricos, que impelem a problematização dos mesmos; que são portadoras de violência, agressividade, dor e opressão, mesmo trazendo consigo anseios de poder, liberdade e emancipação.

Um gesto, uma arma empunhada. Em palanques de uma campanha eleitoral. Em igrejas. Nas mãos de um deputado federal que gesticula para um membro da sociedade civil em uma sessão na Câmara. Nas mãos de crianças. Em uma arma apontada a um professor em sala de aula. Em uma dança coreografada. Em um *video game*. Em *emoticons* espalhados em comentários e postagens. O que todas elas nos dizem sobre o agora? O que dizem sobre nós e nossos modos e maneiras de existir e coexistir? Ativaremos tais aparecimentos na forma de uma prancha de um atlas de imagens tecnopolíticas, intitulada “Gesto Arma”. Com seus respectivos vínculos e um relato sobre suas agências, abordaremos a violência do visível desta rede de imagens, considerando que “a força da imagem seria de nos impulsionar a imitá-la, e o conteúdo narrativo da imagem poderia assim exercer diretamente uma violência fazendo fazer” (Mondzain, 2015b, p. 18).<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Tradução do texto: “la force de l’image serait de nous pousser à l’imiter, et le contenu narratif de l’image pourrait ainsi exercer directement une violence en faisant faire”.

## 2. Gesto Arma: uma prancha de um atlas de imagens tecnopolíticas

A experiência de construção de pranchas imagéticas advém inicialmente de nossa pesquisa de doutorado, “Imago mundi e a fotografia em rede: tramas tecnopolíticas do Atlas #ProtestosBR” (Maciel, 2017),<sup>2</sup> que atualmente se expande no projeto de pesquisa “Fotografia e tecnopolítica”, no qual buscamos dar continuidade ao processo de montagem das pranchas e relatos textuais do Atlas #ProtestosBR, voltado para o contexto dos protestos brasileiros de 2013 e 2014, e também ampliar o *corpus* de pesquisa considerando as manifestações e acontecimentos políticos que se seguiram a eles e outras formas de expressão tecnopolítica agenciadas pela fotografia.

Neste âmbito, iniciamos a montagem da prancha “Gesto Arma”, que, como todas as outras, não surge de uma temática preestabelecida, mas, ao contrário, advém de um processo de construção contínua de um inventário de imagens recolhidas das redes digitais, em grande medida no Facebook, mas que extrapola esta rede social quando seguimos os rastros que as imagens deixam através de postagens, sites de notícia, mecanismos de busca do Google Imagens e da própria plataforma, etc. A observação constante dessa rede social, de páginas ativistas que abordam direta ou indiretamente temáticas políticas, de perfis de pesquisadores da área, da emergência de determinados temas na opinião pública, coloca-nos diante de uma coleta constante de rastros visuais e de seus desdobramentos, pesquisados de maneira rasteira, conforme orienta a Teoria Ator-Rede de Bruno Latour (2007), e de sua remontagem em um plano visual, seguindo a inspiração estética e epistemológica do Atlas de Imagens Mnemosyne, de Aby Warburg (2010). Encaramos a dificuldade de trabalhar com imagens recentes, que continuam tendo prolongamentos mesmo durante o processo de montagem do plano visual e de escrita do relato. Logo, o desafio de lidar com a instabilidade e atualização constante das redes de imagens intensifica-se neste trabalho, levando também em consideração as intensas mudanças ocorridas na conjuntura política do país desde o período eleitoral aos primeiros meses do novo governo.

Apesar de recentes, as imagens reunidas na prancha evocam toda potência da historicidade política brasileira,

com marcas profundas do autoritarismo, patriarcalismo, racismo estrutural e messianismo político. Há que se destacar que o gesto a partir do qual toda a prancha é desdobrada como mapa visual é inteiramente ligado a um artefato relacionado a sentimentos de poder, dominação e justiça. A arma de fogo é símbolo de uma máquina de guerra, que no Brasil manifesta uma linha crescente ao longo dos anos, conforme aponta o *Atlas da Violência*, que tem chocantes marcadores de classe e raça (Instituto de Política Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2018).<sup>3</sup> Além disso, é importante dizer que, assim como a arma, o gesto também é apontado contra alguém, um inimigo a ser atingido ou eliminado, física ou simbolicamente.

Marie-José Mondzain (2015b), em seu livro *L'image peut-elle tuer?* (A imagem pode matar?), estimula um debate neste sentido, que aqui nos será útil: a questão de saber como as produções visuais induziriam uma paixão mortífera, considerando que toda visibilidade pode mobilizar politicamente tanto pulsões construtivas/libertárias como destrutivas/opressoras, através de desejos e movimentos comunicados pela imagem, e não apenas por seu conteúdo figurativo. Ao contrário de pensar em uma recepção passiva, imagens que hipnotizariam, Mondzain coloca ênfase na potência ativa das imagens por meio dos processos de subjetivação. Deste modo, colocamo-nos diante dessas imagens gestuais/performativas e de suas relações com modos e maneiras de existir considerando toda complexidade subjetiva e política evocada em suas superfícies, como também ressalta Warburg (2010), ao defender a importância da linguagem figurativa do gesto na cultura, e Agamben (2008, p. 11), ao definir o “gesto como cristal de memória histórica”.

2 Realizada no PPGCOM da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a tese fez um experimento de pesquisa e montagem de imagens de protestos brasileiros a partir dos acontecimentos conhecidos como jornadas de junho de 2013. Trabalhamos com o arquivo do projeto “Atlas #ProtestosBR” (<http://medialabufjr.net/mnemopolis/atlas/>), construído de maneira colaborativa na internet, que foi por nós expandido pela elaboração de um inventário de imagens políticas. Este projeto foi realizado em parceria com o Medialab. UFRJ (<http://medialabufjr.net/>). A tese de doutorado está disponível para download em: [http://www.pos.eco.ufrj.br/site/download.php?arquivo=upload/tese\\_jmaciel\\_2017.pdf](http://www.pos.eco.ufrj.br/site/download.php?arquivo=upload/tese_jmaciel_2017.pdf)

3 Segundo o *Atlas da Violência 2018*, enquanto em 2016 a taxa de homicídios de negros por 100 mil é de 40,2, a de não-negros é de 16,0.



### 3. Relato da prancha: tecendo rastros, conectando o visível

O presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, assina um documento que sintetiza todo um modo de existência evocado progressivamente muito antes do período eleitoral. Como defende Lapoujade (2017, p. 20), reforça a ocupação do espaço-tempo deste modo e, ao ocupar, cria o próprio espaço-tempo que ocupa. Não ocupa sozinho, mas coletivamente. Está cercado por homens brancos de ternos e gravatas com feições sorridentes, sendo que uma parte deles o aplaude, enquanto outra faz com as mãos gestos que imitam armas. No recorte desta fotografia, apenas duas mulheres aparecem: uma inteiramente, portando à direita um celular que registra a cena, e uma mão feminina à esquerda, também registrando a assinatura do decreto sobre posse e porte de armas e munições no Brasil, em 07 de maio de 2019, portanto, logo no quinto mês do mandato presidencial. No segundo plano, estão sentados (apesar de não visíveis neste recorte, que elegemos para dar ênfase aos detalhes do primeiro plano) o vice-presidente, Hamilton Mourão, e o ministro da Justiça, Sérgio Moro, que aplaudem a assinatura feita com uma caneta Bic, marca expressiva do presidente Bolsonaro desde sua posse.<sup>4</sup> Esta e tantas outras fotografias da mesma ocasião foram circuladas juntas ao controverso debate que o decreto instigou (tendo inclusive passado por uma reformulação do texto que foi publicado em 22 de maio, no decreto nº 9.797/19). O que fora uma das mais insistentes promessas de campanha corresponde à efetivação de uma política disseminada em um gestual tão simples, do polegar e do indicador apontados como armas nas mais diferentes ocasiões.

Tal gesto já acompanha Bolsonaro na esfera pública há anos. Em uma de suas fotos mais circuladas durante a disputa eleitoral de 2018, o então deputado federal do PP-RJ faz o gesto de arma durante a votação da PEC da Maioridade Penal (171/93) na Câmara, em 2015. Tendo ganhado múltiplas versões, de memes até uma ilustração de divulgação do *video game* “Bolsomito 2K18”, a icônica fotografia<sup>5</sup> retorna ilustrando não mais a situação original de sua tomada, mas as narrativas transmídiaicas de um sujeito político que dá corpo a um discurso que se prolifera. No *video game* da empresa Valve Corporation, por exemplo, o boneco Bolsomito tem uma aparência lúdica, apontando os dedos para quem o vê como imagem de entrada, que

convida a “jogar” e ocupar o lugar da personagem que ganha pontos matando seus inimigos: gays, negros, feministas e militantes de esquerda (visualmente expressos na cor vermelha).<sup>6</sup> Por decisão judicial, o *game* teve suas vendas encerradas em janeiro de 2019,<sup>7</sup> muito curiosamente quando Bolsonaro assume a instância máxima de poder político real. Em seu desfile de posse, inclusive, o gesto se repete<sup>8</sup>, de modo que a narrativa do *game* não se mostra desconexa das diversas fases “jogadas” pelo candidato.

Relembremos algumas delas, como exercício mnemônico por nós encarado como atitude política, em um momento de rápido esquecimento pela enxurrada de imagens circuladas. Ainda em pré-campanha, o perfil oficial de Facebook do senador do PT-RJ Lindbergh Farias publicou uma fotografia de Jair Bolsonaro gesticulando com as mãos, simulando armas na cabeça de um boneco inflável que ilustrava Luís Inácio Lula da Silva, com os dizeres: “Atentado ontem: fascistas deram 4 tiros no ônibus do Lula/ Bolsonaro hoje incitando mais ódio e mais fascismo/ Menos de 24h depois do atentado contra Lula, Bolsonaro incita mais violência”.<sup>9</sup> A postagem de 28 de março de 2018, com mais de 21 mil reações, 14 mil comentários e 41 mil compartilhamentos, aparece como um prenúncio de uma campanha que seria em grande medida disputada nas redes sociais, sobretudo levando em consideração os desfechos da mesma no segundo turno, com o desmantelamento de uma das estratégias midiáticas mais tradicionais, o debate eleitoral televisivo.

Meses depois, outro aparecimento do então presidencial que reforça a narrativa do “*game* politicamente incorreto” é a imagem extraída de um *frame* do vídeo no qual Bolsonaro simula uma arma com um tripé de câmera e em seguida afirma, ovacionado pelo público: “Vamos

6 Neste quesito, vale lembrar: “O pano de fundo da militarização da história recente é a ideologia do inimigo interno elaborada pela ditadura e potencializada nas últimas décadas. A democracia manteve a concepção de segurança pública como a guerra contra o inimigo, este variando entre ‘bandidos’, militantes de movimentos sociais, jovens negros e pobres, loucos, traficantes, pessoas LGBTIs, indígenas. Em junho de 2013 e em outros momentos de conflitos fora da classe média aceita pelas políticas de contenção (ocupações secundaristas, ‘Não vai ter Copa’, ‘Fora Temer’, luta por moradia) combinou-se a repressão policial com a produção do inimigo e o elogio de um poder higienizante e pacificador.” (Teles *in* Gallego, 2018, p. 70).

7 Ver: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/01/29/interna\\_politica,733918/apos-decisao-judicial-empresa-encerra-venda-do-jogo-bolsomito-2k18.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/01/29/interna_politica,733918/apos-decisao-judicial-empresa-encerra-venda-do-jogo-bolsomito-2k18.shtml)

8 Ver a foto de Ricardo Moraes/Reuters, disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/bolsonaro-sobre-decreto-das-armas-sai-em-janeiro-com-toda-a-certeza/>

9 A postagem era acompanhada do seguinte texto: “Menos de 24h depois do atentado contra Lula, Bolsonaro incita mais violência: ao ser recebido por apoiadores no aeroporto de São José dos Pinhais, o deputado fascista simulou tiros em um boneco com o rosto do presidente Lula. Bolsonaro é um criminoso!”. Disponível em: <https://www.facebook.com/lindbergh.farias/photos/a.717875478223750/1921492661195353/?type=3&theater>

4 Foto de Daniel Marrenco, Agência O Globo, que ilustra a matéria “Decreto sobre armas de Bolsonaro: veja o que muda com a medida que flexibiliza a posse e o porte”, disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/decreto-sobre-armas-de-bolsonaro-veja-que-muda-com-medida-que-flexibiliza-posse-o-porte-23679632>

5 Foto Aílton de Freitas, Agência O Globo, 19 de agosto de 2015. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/entenda-que-muda-sobre-posse-de-armas-apos-decreto-de-bolsonaro-23373550>

fuzilar a petralhada aqui do Acre [...]”. O vídeo feito em um comício em Rio Branco, em 1º de setembro de 2018,<sup>10</sup> foi compartilhado tanto por simpatizantes do candidato como por opositores e, assim como muitas imagens desta prancha, reforça a disputa de sentido e a exacerbação dos processos de subjetivação do olhar engendrado pelas operações imaginantes (Mondzain, 2015a, 2015b, 2016).

De imagens virais, o gesto progressivamente se propaga, passa a ser assimilado e incorporado por diferentes sujeitos, sempre gerando polêmicos e acalorados debates. Aparece na foto de jovens evangélicos do interior do Maranhão, que posam devidamente alinhadas/os para a câmera em frente a um palco de um evento associado a uma igreja: garotas e rapazes padronizados com uma mesma camisa apontando para o alto com o dedo em forma de arma. O texto da postagem afirma: “ABSURDO! ‘Cristãos’ fazendo sinal de arma de fogo dentro de um templo religioso em referência ao candidato Jair Bolsonaro. Essa foto é numa igreja da Assembleia de Deus em Paulo Ramos-MA”.<sup>11</sup> Em outro registro, o gesto arma reaparece no grupo de mulheres dentro da Arquidiocese do Rio de Janeiro, onde uma delas gesticula, sorridente, e outra veste a camisa do candidato, em uma fotografia que chama a atenção pela composição tensionada por uma imagem de Cristo com braços abertos ao fundo.<sup>12</sup> Saltamos para a foto do deputado pastor Marco Feliciano, que posa fazendo o gesto com a camiseta “Bolsonaro Presidente”. Esta retorna recentemente às redes sociais, mesmo depois das eleições, com a legenda: “Em qual parte da Bíblia, Jesus manda encher o próximo de bala?”<sup>13</sup>

Todas essas fotografias colocam em discussão o amplo apoio dado por diferentes grupos religiosos a uma figura política marcada por discursos de ódio, violência e intolerância. Reforçam a influência dos sistemas de crenças de determinados setores cristãos brasileiros e seus respectivos apelos morais sobre as inclinações a determinadas pautas políticas, que não apenas defendem suas maneiras de ser, mas buscam universalizá-las como um modo a ser seguido e indicado pelas premissas estabelecidas nas dinâmicas dos poderes públicos, estando em jogo o cargo máximo do Poder Executivo. O apoio desses grupos é performado em imagens que aparecem com uma potência

ameaçadora diante de seus opositores, mesmo que de uma forma descontraída e lúdica, como quando o gesto é coreografado ao som de *jingles* eleitorais, a exemplo da versão cearense feita pelos integrantes do grupo Consciência Patriótica, que enfatizaram seu apoio à campanha de Bolsonaro.<sup>14</sup> A dança ganhou uma produção de clipe oficial<sup>15</sup> e foi rapidamente associada nas redes às coreografias pró-*impeachment* da presidenta Dilma Rousseff. Considerado patético por alguns e verdadeira expressão artística por outros, o vídeo foi reeditado e ironizado, e, por outro lado, aplaudido como síntese da estética verde e amarela, que reclama para si o patriotismo e a luta anticorrupção. Nele, dezenas de pessoas dançam em sincronia tendo o gesto arma como seu ápice.

Como gestos são indissociáveis de práticas, o dia da eleição foi também um dos capítulos mais marcantes dessa tessitura. Circularam vídeos de votantes que digitaram com armas o número de campanha de Jair Bolsonaro, 17. As pontas dos dedos dão lugar às pontas das armas, que disparam a escolha confirmada ao som da urna.<sup>16</sup> A ilicitude desta prática, como de tantas outras, não é suficiente para mantê-la no campo do invisível. Ao contrário, elas emergem no visível com a força anônima de sua criação e propagação: o homem qualquer pode ser qualquer um. Contudo, é evidente também que pelas próprias imagens são delineados perfis existenciais, mesmo que não se identifiquem diretamente no plano imaginal os indivíduos em questão. Neste sentido, saindo de uma observação rápida e descontextualizada que muitas vezes as redes sociais estimulam para um rastreamento dos vínculos das fotos a produções comunicacionais, observamos as relações de poder que determinados sujeitos e grupos suscitam ao se associarem a este modo de vida belicoso. É o caso da foto onde homens aparecem de costas, vestidos com camisetas pretas que trocam o número 1 por fuzil,<sup>17</sup> customizando assim o “17” em uma nova roupagem. Segundo a matéria jornalística, são policiais civis que “aceitaram tirar foto com a condição de não mostrarem o

14 Fotografia de Hele Santos, em 17 de outubro de 2018. Disponível em: <https://diarionordeste.verdesmares.com.br/editorias/politica/online/grupo-pro-bolsonaro-simula-uso-de-arma-em-danca-e-rebate-e-para-legitima-defesa-do-cidadao-1.2014338>

15 Vídeo disponível no YouTube do Consciência Patriótica: [https://youtu.be/zx\\_nrkJMHfK](https://youtu.be/zx_nrkJMHfK). O grupo é muito atuante nesta e em outras redes sociais, com um número expressivo de participantes inscritos, curtidas e compartilhamentos.

16 Ver “Eleitores de Bolsonaro usam armas na cabine eleitoral”, Último Segundo – Ig São Paulo, em 7 de outubro de 2018. Disponível em: <https://ultimossegundo.ig.com.br/politica/2018-10-07/eleitores-bolsonaro-armas-video.html>

17 Fotografia de Agostinha Teixeira/Rádio Bandeirantes, em 7 de outubro de 2018. Disponível em: [https://noticias.band.uol.com.br/eleicoes/noticias/10000934443/em-visita-a-bolsonaro-policiais-usam-camiseta-com-fuzil-estampado.html?utm\\_source=facebook&fbclid=IwAR0PCOPI9Rjyk-g9-2vjwGkOxJKPGi8RJG0TeaRLPxYvHG1amFxVOPiIX4](https://noticias.band.uol.com.br/eleicoes/noticias/10000934443/em-visita-a-bolsonaro-policiais-usam-camiseta-com-fuzil-estampado.html?utm_source=facebook&fbclid=IwAR0PCOPI9Rjyk-g9-2vjwGkOxJKPGi8RJG0TeaRLPxYvHG1amFxVOPiIX4)

10 Disponível em: <https://youtu.be/p0eMLhCbyQ>

11 Postagem publicada no perfil de Facebook de Janilson D’Limma, em 18 de setembro de 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2347036948670523&set=a.597519616955607&type=3&theater>

12 Fotografia de Fábio Motta/Estadão Conteúdo, em 17 de outubro de 2018. Disponível em:

<https://noticias.band.uol.com.br/noticias/100000935685/em-apoio-a-bolsonaro-mulher-faz-sinal-de-armas-em-frente-a-imagem-de-jesus.html>

13 Fotografia postada na página de Facebook Quebrando o Tabu em 14 março de 2019. Disponível em:

<https://www.facebook.com/quebrandootabu/photos/a.575920612464330/2446863308703375/?type=3&theater>

rosto”, o que demonstra as tensões entre o “não visto” dos rostos/personas, o visto da ilustração estampada e o texto que os identifica como policiais. O fuzil, aliás, pode ser compreendido como símbolo do poderio bélico, e quem “veste a camisa” é justamente uma das corporações que mais manifestaram apoio à candidatura de Jair Bolsonaro.

É importante também destacar que as fotografias e imagens da prancha Gesto Arma não se limitam a uma ordem cronológica de aparecimento, fazendo com que seu emergir não siga uma lógica linear. À fotografia de setembro de 2018 do deputado federal do PSL-SP Eduardo Bolsonaro, posando com armas e vestido com uma camiseta ilustrada com um cachorro defecando,<sup>18</sup> soma-se a outra de 2016, onde posa armado, com um quadro onde se lê “Eu pacificamente vou te matar”, junto ao youtuber Arthur Moledo (que também conseguiu eleger-se deputado estadual em 2018 pelo DEM-SP). O deputado e filho de Bolsonaro também aparece ao lado do deputado federal Éder Mauro, PSD/PA, que ameaçou um professor fazendo o gesto que remete ao porte de arma durante uma audiência sobre o projeto Escola Sem Partido.<sup>19</sup>

Acontecimentos específicos também fazem lembrar, retomar e criar determinadas imagens. É o caso do atentado acontecido em uma escola estadual no município de Suzano, São Paulo, onde dois ex-alunos mataram a tiros cinco estudantes e duas funcionárias em março de 2019. A discussão sobre a posse e o porte de armas retorna, e, com ela, alguns fragmentos visuais polêmicos: o vídeo de Bolsonaro ensinando a uma garotinha o gesto de atirar,<sup>20</sup> como tantas outras crianças filhas/os de eleitores que vestiram a camisa do candidato; os vídeos de alunos apontando armas de fogo para professores dentro da sala de aula;<sup>21</sup> e uma charge que mostra uma professora defendendo crianças com uma arma, em uma postagem de Facebook muito compartilhada, com a hashtag “#BolsonaroTemRazao”.<sup>22</sup>

18 “Vamos mudar o sistema corrupto, nem que seja na bala”, diz filho de Bolsonaro. Em 1º de setembro de 2018. Disponível em: [https://istoe.com.br/vamos-mudar-o-brasil-nem-que-seja-na-bala-diz-filho-de-bolsonaro/?fbclid=IwAR3MvGgzet9X0UEoC7c5t5JeXo\\_MXCs3tkTVZ6nOxcgUM8yovSG3Sjw-7rA](https://istoe.com.br/vamos-mudar-o-brasil-nem-que-seja-na-bala-diz-filho-de-bolsonaro/?fbclid=IwAR3MvGgzet9X0UEoC7c5t5JeXo_MXCs3tkTVZ6nOxcgUM8yovSG3Sjw-7rA)

19 Fotografia de Mídia Ninja, em 13 de novembro de 2018. Disponível em: [https://www.facebook.com/ajax/sharer?s=22&apid=25554907596&id=1334612733363535&p%5B0%5D=164188247072662&p%5B1%5D=1334612760030199&sharer\\_type=all\\_modos&av=100001015084608](https://www.facebook.com/ajax/sharer?s=22&apid=25554907596&id=1334612733363535&p%5B0%5D=164188247072662&p%5B1%5D=1334612760030199&sharer_type=all_modos&av=100001015084608)

20 Ver: <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-ensina-crianca-imitar-arma-com-mao-22905093>

21 Ver: “Aluno aponta arma para professor”. Manaus, 22 de março de 2018. <http://m.diarioonline.com.br/noticias/brasil/noticia-495656-aluno-publica-foto-apontando-arma-para-professor-em-sala.html>; e “Adolescente é apreendido após tirar foto com arma dentro de sala de aula”. Rio de Janeiro, em 21 de março de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/norte-fluminense/noticia/2019/03/21/adolescente-e-apreendido-apos-tirar-foto-com-arma-dentro-de-sala-de-aula-em-campos-no-rj.ghtml>

22 Perfil de Marlon Miranda, em 13 de março de 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=21388881595327>

Algo similar aconteceu quando o exército do Rio de Janeiro alvejou o carro de uma família inocente com 80 tiros, causando grande revolta e comoção diante da política de militarização das favelas cariocas. A dramática e dolorosa fotografia da mulher do músico assassinado, Evaldo Rosa dos Santos, é associada à de Bolsonaro gesticulando sua “arma imaginária” em 2015, citada acima, junto à frase: “VOCÊS SÃO CULPADOS, SIM!”.<sup>23</sup> Bolsonaro, que em 2018 compartilhou um tuíte de homens negros segurando armas e a frase “acho que vai cair uma tempestade, olha quanto guarda-chuva”,<sup>24</sup> ironizando o assassinato de um trabalhador negro em uma operação policial (na ocasião, Rodrigo Alexandre da Silva Serrano portava apenas um guarda-chuva preto),<sup>25</sup> inicialmente se manteve em silêncio diante da morte do músico Evaldo e posteriormente afirmou em entrevista que “o exército não matou ninguém”.<sup>26</sup> A militarização da vida associada ao racismo institucional está, portanto, a um só tempo, presente e ausente nas imagens, considerando o dito e o não dito de seus discursos, aquilo que é visto e o que é invisibilizado.

Através deste relato descritivo, consideramos a validade de uma orientação apontada pela Teoria Ator-Rede de Latour (2007) que afirma que uma boa atitude para o pesquisador é “apenas descrever”, tornando cada vez mais amplas e diversas as cadeias de ações geradas pelos atores elencados. Em nosso caso específico, defendemos esse exercício como algo valioso para os estudos da comunicação voltados para as “operações imaginantes”, sempre tendo a preocupação de construir um texto que não bloqueie os movimentos inerentes à imagem. A descrição das fotografias/imagens, dos atores que as movimentam e das ações que elas próprias “fazem fazer” na rede sociotécnica é o exercício precípuo da construção de um saber visual, que não pretende estar vinculado apenas ao representacional e discursivo, mas à energia das imagens tanto nos processos de subjetivação como de socialização. Apostamos em nossa premissa fundamental: uma imagem expressa seus sentidos em relação a outras imagens, aqui expressas e discutidas a partir de um plano visual onde imagens operam umas nas outras. Diante da grande profusão visual, da ausência de ferramentas precisas e do próprio potencial dispersivo dos meios de comunicação estudados, a experimentação continua sendo a via

53&set=a.342503185837935&type=3&theater

23 Postagem de 8 de abril de 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2274661785909972&set=a.428288783880624&type=3&theater>

24 Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-reposta-foto-de-homens-com-fuzis-e-cita-guarda-chuva/>

25 Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/19/politica/1537367458\\_048104.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/19/politica/1537367458_048104.html)

26 Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-news/estudio-i/videos/t/todos-os-videos/v/o-exercito-nao-matou-ninguem-diz-bolsonaro-sobre-morte-de-musico-no-rio/7536566/>

que nos permite enfrentar as *fotografias-imagens-redes*, mesmo com falhas inerentes à tentativa de se arriscar por uma nova forma de cartografar.

#### 4. Considerações finais

Apresentamos neste artigo a dinâmica transmodal de existências conflitantes, que por vezes empenham-se na elaboração de discursos totalitários, manifestando uma violência do visível e uma tentativa de anulação de sua alteridade política. Conforme afirma Marie-José Mondzain (2015b, p.11), “o reino da imagem implicaria sempre a morte do outro”,<sup>27</sup> o que é notório na prancha Gesto Arma, que tem nas referidas imagens correspondentes discrepantes que remarcam a polarização política brasileira: de um lado, uma campanha eleitoral iconicamente marcada pelo gesto de fazer armas com os dedos; de outro, uma pequena inversão que remete ao gesto do “Lula Livre”, relacionado tanto à campanha do Partido dos Trabalhadores como à mobilização em torno do argumento da prisão política do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, em abril de 2018. Neste artigo não nos detemos nesse contraponto imagético devido à complexidade da exploração desta outra rede de imagens, contudo citamos a necessidade deste estudo em outro trabalho e, principalmente, do cruzamento dessas teias e de como elas fazem ver o fenômeno da polarização política atual. Como escapar da polarização dos pensamentos quando nos esforçamos para pesquisar fenômenos marcados por essa característica tão limitante da experiência política? Por isso, também foi uma opção epistemológica deste estudo focar na relação entre existências e operações imaginantes para enfatizar que cada imagem carrega o lugar das crenças que as sustentam e dos gestos que encarnam camadas sutis de memórias e desejos.

O distanciamento ou mesmo inacessibilidade a determinadas perspectivas dificultam o entendimento mútuo entre os modos de existência e, no que tange às metodologias de pesquisa, uma compreensão mais ampla de como eles se encontram e se chocam. A ideia de “bolha” tornou-se assimilada pelo senso comum, mas sabemos também que há uma porosidade, que no campo do visível manifesta a polissemia das imagens em relação aos tempos e espaços nos quais operam e também dos jogos de legibilidade empregados.

“Descrever modos de existência consiste em retornar, a cada vez, ao interior do ponto de vista que eles exprimem”, afirma Lapoujade (2017, p. 48). Por outro lado, Mondzain (2015b, 2016) defende que a imagem é sempre indecível e é justamente daí que advém sua força.

27 Tradução livre de: “Le règne de l’image impliquerait toujours la mort de l’autre”.

Assim, ressaltamos que as mesmas operações imaginantes podem servir para os fins mais diversos, defendendo ou repudiando os discursos a elas relacionados. Para cada imagem há sempre uma contraimagem, como é o caso daquelas que também inserimos em nossa prancha, fotos compartilhadas em tuítes que mostram “esquerdistas” empunhando arma ou fazendo o mesmo gesto em questão, que vão desde a funkeira MC Carol ao apresentador Marcelo Tas e ao ex-presidente norte-americano Barack Obama. “Qual o problema haveria nisso?”, perguntam-se alguns. Estas são imagens disputadas no campo imagético comunicacional, que na prancha Gesto Arma nos fazem ver culturas e projetos políticos sendo delineados de uma forma intensa e rápida.

O que dizer, por fim, dos modos e das maneiras de existência expressos nas imagens reunidas? Como operações imaginantes, elas são marcadas por uma violência do visível que não se refere apenas ao conteúdo em si, das armas e de sua capacidade mortífera associada a políticas de Estado e subjetividades opressoras, mas sim dos processos de identificação sensível e existencial com este imaginário. Mondzain (2015b) afirma que “a violência do visível tem seu fundamento na abolição intencional ou não do pensamento e do julgamento”<sup>28</sup>, que dificulta a própria assimilação dos regimes passionais que as imagens instauram e de seus efeitos.

Dentre tantos comentários ainda possíveis de serem feitos sobre as imagens aqui mencionadas, queremos nos deter, a título de conclusão, em uma em particular, para tratar desta problematização. Justamente na fotografia na qual o gesto não aparece, mas, em certa medida, seu efeito, vemos um guarda-chuva preto no chão e, perto dele, um rastro de sangue resultante do disparo que tirou a vida de um trabalhador negro e morador de uma favela. Na gestão das palavras que interfere na partilha do olhar temos a contextualização de um crime executado pelo Estado racista, com o argumento raso de confusão entre um guarda-chuva e uma arma, como se aquele sujeito naquele espaço induzisse tal associação mimética. Mas também temos o trocadilho guarda-chuva/fuzis se valendo da foto em que jovens portam tais armas em uma região miserável. A abolição do pensamento e do julgamento se manifesta aí, substituindo todo um debate urgente em torno do armamento, desarmamento e de suas políticas por uma perversidade criada pela relação texto-imagem, compartilhada por muitos, e por quem menos se espera, na esfera pública contemporânea, infelizmente cada vez mais incivilizada, mesmo diante de todos os recursos tecnológicos e de suas potencialidades.

28 Tradução do texto: “La violence du visible n’a d’autre fondement que l’abolition intentionnelle ou non de la pensée et du jugement”.

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. 2008. Notas sobre o gesto. *Artefilosofia: Revista do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura*, Ouro Preto, 4:09-14, jan.
- BELTING, Hans. 2014. *Antropologia da imagem*. Lisboa, KKYM + EAUM.
- GALLEGO, Esther Solano (org.). 2018. *O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil*. São Paulo, Boitempo.
- INSTITUTO DE POLÍTICA ECONÔMICA APLICADA (IPEA); FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). *Atlas da violência 2018*. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: < [http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/06/FBSP\\_Atlas\\_da\\_Violencia\\_2018\\_Relatorio.pdf](http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/06/FBSP_Atlas_da_Violencia_2018_Relatorio.pdf)>. Acesso em: 13 maio 2019.
- LAPOUJADE, David. 2017. *As existências mínimas*. São Paulo, n-1 edições.
- LATOUR, Bruno. 2007. *Changer de société, refaire de la sociologie*. Paris, Éditions La Découverte.
- MACIEL, Jane Cleide de Sousa. 2017. *Imago mundi e a fotografia em rede: tramas tecnopolíticas do Atlas #ProtestosBR*. Orientadora: Fernanda Bruno. Rio de Janeiro, 2017. Tese de Doutorado em Comunicação e Cultura. Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- MONDZAIN, Marie-José. 2015a. A imagem entre proveniência e destinação. In: Emmanuel ALLOA (org.), *Pensar a imagem*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, p. 39-53.
- MONDZAIN, Marie-José. 2015b. *L'image peut-elle tuer?* Montrouge, Bayard Éditions.
- MONDZAIN, Marie-José. 2016. Imagem, sujeito, poder: entrevista com Marie-José Mondzain. *Outra Travessia: Revista de Literatura*, Florianópolis, Santa Catarina, nº 22. Entrevista concedida a Michaela Fiserova. Tradução da entrevista por Vinicius Nicastro Honesko.
- WARBURG, Aby. 2010. *Atlas Mnemosyne*. Madrid, Akal.

Artigo submetido em 30-06-2019

Aceito em 14-05-2020